

Os «Cantares» de Rosalia de Castro e o povo galego

em alguns aspectos da sua Etnografia
de há cem anos

POR

J. R. dos Santos Júnior

Prof. de Antropologia da F. C. da Univ. do Porto

Os *Cantares Gallegos* são um mimoso ramalhete de poesias maviosas, publicadas num livro precioso, livro que nos encanta à medida que o vamos lendo, e que, por isso, bem lhe cabe o atributo de livro encantador. Os «Cantares» são delicadas expressões poéticas que se evolveram da alma de Rosalia, como se evolvam o brando rumor das carvalheiras, sacudidas pelas brisas, e o perfume das flores, que se abrem fragrantes aos raios dum sol de Maio que as beija com ardor.

Como antropologista sinto que Rosalia de Castro, com notáveis qualidades de observação e apuradíssimo sentimento estético, em versos plenos de suavidade, como se fora genial pintora, conseguiu dar-nos alguns aspectos das gentes da sua adorada Galiza de há cem anos ⁽¹⁾, em muitos dos seus usos e costumes e até um pouco do seu psiquismo.

Aliás a própria autora, no prólogo da 1.^a edição publicada em Vigo em 1863, diz que «puxem ó mayor coidado en *reproduzir* ó

⁽¹⁾ Rosalia de Castro, insigne poetisa galega, nasceu em Santiago de Compostela em 24 de Fevereiro de 1837 e morreu em Padron em 15 de Julho de 1885. O livro *Cantares Gallegos* saiu em 1.^a edição no ano de 1863.

verdadeiro espírito do nosso pobo e penso que ó conseguin en algo... si ben de unha maneira débil e froxa: Queira ó ceo que outro mais afertunado que eu poida describir c'os sus cores verdadeiros os cuadros encantadores que por aqui se atopam inda no rincón mais escondido e olvidado, pra que asi, ó menos en fama, xa que non en proveito, gane e se vexa c'ó respecto e admiración merecidas esta infortunada Galicia!».

E noutra passagem do mesmo prólogo: «atrevinme a escribir estos cantares, esforzándome en dar a coñecer cómo algunhas das nossas poéticas costumes inda conservan certa frescura patriarcal e primitiva, e cóm'ó nosso dialecto doce e sonoro é tan a propósito cóm'ó pirmeiro para toda clase de versificación».

A reforçar a mesma e instante preocupación de poetizar os usos e costumes do povo ga'lego, Rosalia, no poema «Aló no currunchiño máis hermoso», em nota de fundo de página, explica que aquelas oitavas não são pròpriamente um cantar mas antes, e com mais propriedade, um conto.

E acrescenta: «pero como pó-lo d'ahora non penso facer en gallego ningún libro de contos, pónño aqui, unha vez que nestes cantares tratei de pintar as costumes dos nosos probes aldeáns, e sirven estas octavas pra dar a conocer unha das máis antiguas e máis usadas. Sempre me comoveu o relato de este conto sencillo, patriarcal, e por eso decidinme a versificalo contando c'á benevolência dos lectores».

Rosalia confessa que pôs o maior cuidado em reproduzir o verdadeiro espírito do povo galego e se esforçou por dar a conhecer alguns velhos costumes patriarcais.

Temos de confessar que, em muitos e bem marcados aspectos, o conseguiu, e de maneira tão flagrante, de vivência tão garrida, em versos de tanta beleza artística e emocional que se immortalizou, e fez dos «Cantares» um livro extraordinário, quase um livro de oras, que como amante da Galiza eu leio a cada passo com emoção, quase como quem reza.

O ilustre galego Fermin Bouza-Brey, que conhece como poucos a obra de Rosalia, estudou como nenhum outro a vida da insigne poetisa galega e é, por isso, o grande rosaliano, no prólogo da

edição publicada no primeiro centenário do livro *Cantares Gallegos* (1), por ele ordenada e anotada, escreve: ...«é um libro proel, un libro que fendeu brioso os mares do esquecemento en que xacia o cultivo literário da lingua galega, con dinidade e patrianismo».

De facto os «Cantares» contribuíram para erguer a suave e mimosa língua galega do quebranto em que jazia, esquecida dos eruditos, língua tão grata aos meus ouvidos quando a ouço falar.

Não tenho as indispensáveis bases de cultura filológica para exaltar a língua galega, embora seja trasbordante o desejo de o fazer.

Parafraseando Rosalia direi: Queira o céu que outro mais afortunado e mais sabedor do que eu o possa fazer.

Limitar-me-ei a tentar pôr em realce alguns aspectos de feição antropológica e etnográfica que, a cada passo, ressaltam nos «Cantares», livro cheio de beleza estética, de maviosidade e de encanto.

Praza a Deus que o consiga, se bem que, estou certo, o farei de maneira débil e frouxa.

*

* *

Começaremos pela poesia que, como informa Fermin Bouza-Brey, foi publicada em 1862 no «Album de la Caridad» com o título de *A Romaria da Barca* (2).

Nesta bela poesia há, como veremos, uma descrição do antigo vestuário feminino de algumas regiões da Galiza. A descrição,

(1) Rosalia Castro de Murguía, *Cantares Gallegos*, edición de centenário, ordenada, prologada e anotada por Fermin Bouza-Brey, Editorial Galaxia, 1963, 288 págs.

(2) A romaria de Nossa Senhora da Barca, celebra-se no santuário que fica na freguesia de Santa Maria de Muxia, concelho de Muxia (Corcubion-Corunha).

Rosalía, no ano de 1853, foi à festa da Senhora da Barca, uma das mais famosas da Galiza. Tinha ela então 16 anos.

A imagem da Senhora da Barca está posta numa barquinha com dois anjos marinheiros, um aos remos e outro ao leme.

aparte a sua beleza literária, como realça F. Bouza-Brey, na respectiva nota, a págs. 256 da edição do centenário, é tão interessante e precisa que acreditam a sua autora de observadora documental da etnografia galega.

A poesia, de 226 versos de sete sílabas, verdadeiro poema, como lhe chama F. Bouza-Brey, é encabeçada pela quadra popular

Nosa Señora dá Barca
 ten o tellado de pedra;
 ben o pudera ter de ouro
 miña Virxe si quixera.

Começa por aludir à muita gente forasteira que por terra e de barco vem à festa, realçando as «rapazas bonitas cura de tódalas penas», e com admiração: «Cantos dengues encarnados! / Cantas sintas amarelas! / Cantas cofias pranchadinhas / dende lonxe relumbran / cal si fosen neve pura / cal froles de primaveira!».

Vejamos como descreve as raparigas de Muros ⁽¹⁾ e o seu trajar.

As de Muros tão finiñas
 qu'un coidara que se creban,
 c-aqueles caras de virxe
 c-aqueles ollos de almendra
 c-aqueles cabelos longos
 xuntados en longas trenzas,
 c-aqueles cores rousados,
 cal si a aurora llos puñera,
 pois asi son de soaves
 como a aurora que comenza;
 descendentes das airosas

(1) Muros é vila da provincia da Corunha, é porto de mar e juntamente com Noya, que lhe fica para leste, dão o nome à ria chamada de Muros y Noya.

fillas da pagana Grecia ⁽¹⁾
 elas de negro se visten,
 delgadiñas e lixeiras,
 refaixo e mantelo negro,
 zapato e media de seda,
 negra chaqueta de raso,
 mantilla da mesma peza,
 con terciopelo adornado
 cánto enriba de si levan;
 fillas de reinas parecen,
 gregas estatuas semellan
 si a un rayo de sol poñente
 repousadas se contempran;
 ricos panos de Manila,
 brancos e cor de sireixa,
 cruzanse sobre o seu seyo
 con pudorosa modestia,
 e por antre eles relosen
 como brillantes estrelas
 aderesos e collares
 de diamantes e de pebras,
 pendentos de filigrana
 e pechuguiñas de cera.

Rosalía confere às raparigas de Muros o tipo longilíneo, pois as diz «delgadiñas e lixeiras» e tão fininhas que quem quer podía julgar que se quebrarían; realça-lhes os ollos em amêndoa, ou seja de contorno oval, e faces suavemente rosadas; salienta o seu porte airoso como de estatuas gregas, com o cabelo penteado em longas tranças.

O «refaixo», saia curta ou saiote, vestido por cima da camisa, e o «mantelo», amplo avental, tão amplo que pode dizer-se saia aberta atrás, eram feitos de pano preto. «Chaqueta» e mantilha

(1) Alusão à lenda tradicional, segundo parece infundada, que atribuí a Muros origem colonial grega.

de «raso», ou seja de pano brilhante e acetinado, uma e outra enfeitadas com aplicações de veludo.

Chales de Manila, uns brancos, outros cor de cereja, cruzados no peito onde reluziam adereços e colares de diamantes e de pérolas a brilharem como estrelas sobre colos de cera. Nas orelhas brincos de filigrana.

Nestes versos de Rosalia temos uma pormenorizada e ampla descrição do trajar e atavios da mocidade feminina de Muros de há cem anos.

Seguem-se as moças de Camarinhas ⁽¹⁾ às quais Rosalia se refere assim:

As de Camariñas visten,
cal rapaciñas gaiteras,
sayas de vivos colores
polo pescozo da perna,
lucindo o negro zapato
enriba de branca media;
chambras feitas de mil raias
azuladas e bermellas,
con guarnición que lles caen
sobre a rumbosa cadeira.
Para tocar o pandeiro
non hai como tales nenas,
que son as camariñanas
feitas de sal e canela.

O vestuário das camarinheiras, moças «gaiteras», está descrito a primor.

Saia comprida, pelo pescoço da perna, ou seja, um pouco acima do tornozelo e blusas amplamente riscadas de vermelho e azul, com guarnições, felpos e franjas, ou sejam frocos caídos sobre as ancas rotundas. Nos pés sapatos pretos e meias brancas.

(1) Camarinhas, vila e porto de mar, da província da Corunha, junto do cabo Villano e a norte da entrada da ria de Camarinhas.

Vêm depois citadas as raparigas de Cé ⁽¹⁾.

As de Cé, ¡Virxe do Carme!
 ¡que cariñas tão ben feitas!
 Cando están coloradiñas
 no ruxe-ruxe da festa,
 cada mirar dos seus ollos
 fire como cen saetas.
 Nin hai mans tan ben cortadas,
 tan branquiñas e pequenas
 como as que amostran finxindo
 que non queren que llas vexan.

Nesta passagem Rosalia atenta apenas em alguns caracteres somáticos das moças de Cé.

As caras tão bem feitas que era uma admiração; coradinhas e com dois olhos cheios de vivacidade, com miradas penetrantes como setas. As mãos delicadas, brancas e pequeninas.

Alude depois às moças de Laxe ⁽²⁾, mas que moças!...

Son as de Laxe unhas mozas...
 ¡Vaia unhas mozas aquelas!
 Sólo con velas de lonxe
 quitaselles a monteira,
 porque son vivas de xénio,
 anque son rapazas netas.
 Bailadoras... n'hai ningunhas
 que con elas se entrometan,
 pois por bailar bailarian
 no cribo de unha peneira;
 mais em tocando a que recen,
 em rezar son as pirmeiras...
 Dan ó mundo o que é do mundo
 dan à igrexa o que é da igrexa.

(1) Cé ou Cée é outra vila da costa marinha, que fica perto de Corcubion.

(2) Laxe, vila e porto de mar da província da Corunha.

As raparigas de Laxe profundamente religiosas e bem femininas, nem por isso deixavam de ser boas bailadoras e vivas de génio.

Seguem-se as raparigas de Noia ⁽¹⁾ e as de Rianxo ⁽²⁾.

As de Noia ben se axuntan
cas graciosas rianxeiras,
polos redondos peiños,
polas cabeleiras crechas,
polos morenos lunares
e polas agudas linguas
que abofé que en todo pican
como si fosen pementa.

As raparigas de Noia e de Rianxo, umas e outras com caracteres semelhantes, e por isso juntas no mesmo grupo, com «redondos peiños» ⁽³⁾, ou seja pés curtinhos, pequenos, com cabelos encaracolados e com «morenos lunares», sinais escuros, os «grains de beauté» como lhes chamam os franceses. Além disso aquelas graciosas moças tinham resposta chistosa, apimentada, e sempre pronta na ponta da língua.

(1) Noia vila da província da Corunha, próximo de Muros, e situada ao fundo da ria de Muros e Noia.

(2) Rianxo, vila marinheira da ria de Arousa, a mais setentrional das chamadas rias baixas. Também pertence à província da Corunha.

(3) *Peiños* ou *pèzinhos*. No refraneiro galego existe o seguinte solilóquio.

Ai meus peiños!
Ai meus peans!
Se não foram os meus peiños
Comiam-me os cans.

Assim teria dito, em gabança dos seus pés, um rapaz que saltara a um pomar a furtar um pouco de fruta e fugiu a bom fugir aos cães que deram sobre ele.

Por fim alude às raparigas de outras vilas distantes que, embora recatadas, não podem esconder a sua soberbia da qualidade de vilaregas e que, muito bem vestidas, passam com ar senhoril e

«.....
 que por onde van parece
 que van dicindo: — «Canela!
 ¿Prantamos ou non prantamos
 a cantas hay nesta terra?»

Rosalia não se decide a votar pela supremacia das vilaregas. É que ao ver aquelas moças, todas juntas à porta da igreja, quer fossem de Rianxo, de Redondela, de Camariñas, de Laxe ou de Ponteareias, pareciam mais bonitas «que un ramión de asucenas, mais frescas que unha leituga, mais sabrosiñas que fresas».

Por isso as cortejavam derretidos moços namoradeiros; rapazinheiros festeiros e «marinheiros do mar» em romagens de promessa, por a Virgem os ter salvo de «naufragar na tormenta».

Rosalia, num mimo de beleza poética, escreve: marinheiros, marinheiros que vos salvastes no mar não vos salvareis na terra, que na terra também há tormentas «que afofan corasonciños», sem que lhes valham promessas. É que se a Virgem acode aos que se afofan no mar, entre as ondas bravias, não acode aos namorados «que de afofan-se se alegran».

Ainda neste poema há uma passagem alusiva à romaria de Nossa Senhora da Barca, de Santa Maria de Muxia, com foguetes a estoirarem no ar, com tocatas de gaitas e de tambores

.....

 «con tanta xente que corre,
 que corre e se sarandea
 ó son das gaitas que tocan
 e das bombas que reventan.
 uns que venden limonada,
 outros auga que refresca,

aqueles dulce resolio
 con rosquilliñas de almendra;
 os de mais alá sandias
 con sabrosas siriguelas,
 mentras tanto que algun cego
 ó son de alegre pandeira,
 toca un carto de guitarra
 para que bailen as nenas.

Ao ler estes versos perpassam aos nossos olhos as romarias minhotas com tantos pontos de contacto em sobreposição flagrante de temas. O norte de Portugal, o Portugal minhoto, e a Galiza, são bem duas terras irmãs.

Diz a lenda que a imagem de Nossa Senhora da Barca ali veio dar à costa numa barca de pedra que os mares até ali trouxeram, e ali encalhou.

Essa pedra tem a rara qualidade de ser uma pedra bolideira, isto é, um penedo oscilante ⁽¹⁾ que, nos versos de Rosalia, vem assim descrita:

.....
 «estonces a pedra bala
 tan alegre e tan contenta

(1) Embora Rosalia fale duma só pedra, Fermin Bouza-Brey na nota da pág. 157 dos *Cantares Gallegos* edição por ele ordenada, prologada e anotada, cit., diz que são três as pedras tradicionais. A barca, o leme e a vela, todas três oscilantes, e esclarece:

A pedra da barca, que é a maior, nem sempre oscila. São necessárias condições especiais para que tal suceda.

Por isso há uma cantiga popular que diz:

*Veño da Virxen da Barca
 Veño de abalar a pedra,
 abalei a pequeniña
 que a grande non quixo ela.*

O distinto jornalista, Hugo Rocha que muito quer à Galiza, no seu livro *Encontros com a Galiza*, Porto, s/data, 170 págs., no 2.º capítulo «De Nossa

que anque un cento de presoas
brinca e salta enriba de ela
como si fose mociña,
mais que unha pruma lixeira,
alegre como unhas páscuas
salta e rebrinca con elas.

Por fim cita as ofertas de cestinhos lindamente compostos, que os romeiros levam à Virgem como promessa de os ter salvo de naufragar na tormenta.

A poesia que acabamos de analisar e de que transcrevemos algumas passagens, é, sem a menor dúvida, um belo poema etnográfico.

Mas são várias as poesias dos «cantares» onde, a cada passo, ressaltam referências a vestuários, usos e costumes, modos de sentir e de se comportar do povo galego.

Senhora da Barca, do seu santuário sobranceiro ao mar, das suas tradições místicas e da sua expressão religiosa», págs. 31 a 36, cita (pág. 34) a seguinte quadra que o povo galego canta.

*Nossa Senhora da Barca
Tem a porta cara ó mar
Un pouquiño mais abaixo
Tem a pedra de abalar.*

No capítulo seguinte do mesmo livro, a pág. 40, Hugo Rocha transcreve a «trova galega que Don Vicente, o cura poeta» pároco de Muxia, deixou a «Carmiña, a dos olhos verdes», também alusiva à pedra bolideira do santuário de Nossa Senhora da Barca.

*Se vas a Muxia, vai ó Santuário
Que tem o Oceano por escenario
Verás a pedra que abala ela sola
Con un movemento como o dunha ola.*

Logo na poesia «Has de cantar» com que abre o volume, põe os moços e as moças a bailar ao toque das gaitas e das pandeiretas e refere assim o vestuário das raparigas.

!Que cófias ⁽¹⁾ tan brancas!.
 !Que panos con freco...!
 !Que dengues ⁽²⁾ de grana!.
 !Que sintas!. !Que adresos!.

!Que ricos mandiles ⁽³⁾!
 !Que verdes refaixos ⁽⁴⁾...!
 !Que feitos xustillos ⁽⁵⁾
 de cór colorado!»

(1) A *cófia* era uma peça de luxo do toucado feminino. Pano branco de linho com um rectângulo bordado que se colocava na cabeça; rematava atrás do pescoço e à maneira de touca recolhia a trança do cabelo. O remate que ao mesmo tempo segurava a cófia à cabeça, era feito por uma fita, de cor vermelha nas solteiras, branca nas casadas e preta nas viúvas.

Deste modo olhando a *cófia* logo se sabia o estado social da portadora. Juan Naya Perez, in *El traje*, n.º 39 de «Cuadernos de arte gallego», Vigo, 1964, pág. 58 e 36 figs. sem estar numeradas, diz a pág. 21, que a cófia é um dos elementos mais antigos do vestuário feminino tradicional e se lhe atribui uma origem sueva.

O querido amigo Fermin Bouza-Brey mostrou-me quatro cófias da sua colecção; algumas velhas, de mais de 100 anos.

(2) O *dengue* era uma espécie de capinha de pano vermelho posta sobre os ombros e que apenas cobria o busto, com duas pontas que se cruzavam sobre o peito e se fixavam atrás sobre a cinta muitas vezes com fivelas ou broches de prata.

(3) *Mandiles* são os aventais. Em algumas terras do leste transmontano o avental é também designado pelo nome de mandil.

(4) O *refaixo* é uma saia de baeta, muitas vezes vermelha ou verde; é o saiote do vestuário feminino de muitas aldeias de Portugal.

(5) O *xustillo* é um colete que se usava bem justo ao busto apertado adiante por um cordão, o atacador.

Outra passagem de marcada feição etnográfica é a que se lê na 9.^a estrofe do poema de análise crítica social «Non che digo nada... pero vaia!»

Verás qué revolturas,
 qué ricas contradanzas,
 qué gaitas con salterio,
 qué pífanos con arpas,
 qué dengues encarnados
 con mantilliñas brancas,
 chapurra que chapurra
 en confusión tan várea,
que non che digo nada...
!Pero vaia!

Além de, mais uma vez, citar duas peças do vestuário feminino os «dengues» e as «mantilliñas» há referêncía embora ligeira às danças.

A muinheira, típico bailado popular galego, vem concretamente referida no poema *Miña Santiña, miña Santana*, no qual uma costureirinha pede à Santa da sua devoção que a ensine a dançar; se a Santa fizer tal coisa promete emprestar-lhe os brincos e o colar. Todo o poema é um diálogo entre a costureirinha e a Santa. Uma fala da costureira, a 5.^a estrofe do poema, é a seguinte:

Santa Santasa
 non sós comprida
 decindo cousas
 que fan ferida.
 Falaime solo
 das muiñeiras
 de aquelas voltas
 revirandeiras
 de aqueles puntos
 que fan agora
 de afora adentro
 de adentro afora.

Outra referência à «muiñeira», típica dança galega, que o Prof. Ricardo Carballo Calero, a pág. 75 da sua edição dos *Cantares Gallegos* ⁽¹⁾, considera «dança racial dos galegos», é a que se lê no poema saudosista «Airiños, airiños, aires» numa série de versos cheios de interesse etnográfico.

Ai, miña probe casiña!
 Ai, miña vaca bermé!a!
 Años que balás nos montes
 pombas que arrulás nas eiras,
 mozos que atruxás bailando,
 redobre das castañetas,
 xás-co-rras-chás das cunchiñas,
 xurre-xurre das pandeiras
 tambor do tamborileiro
 gaitiña, gaita gallega,
 xa non me alegras dicindo:
 Muiñeira, muiñeira!

Uma outra referência a instrumentos musicais é a que se lê na canção do berço, ou de embalar, «Hora, meu meniño hora».

Nesta bela composição poética Rosalia canta o milagre da Virgem Maria, Nossa Senhora, que veio amamentar um menino deixado pelos pais sòzinho em casa, cada um em seu serviço como reza a quadra popular:

Hora, meu meniño, hora.
 Quén vos ha-de dar a teta,
 si tua nai vai no muiño,
 e teu pai na leña seca?

⁽¹⁾ *Os cantares gallegos*, ed. de Ricardo Carballo Calero, Santiago de Compostela, 1967.

A passagem alusiva aos instrumentos musicais, gaita e flauta, é a seguinte:

En tanto un choro soave
sentir no espaço se deixa,
tal como gaita tocada
nunha alborada serena;
tal como lexana frauta
cando o sol no mar se deita,
cuo son nos trai o vento
cos cheiriños da ribeira.

Ao traje masculino faz uma curta referêncía na poesia «*Un repoludo gaiteiro*» alusiva ao tocador da gaita de foles, ao gaiteiro, personagem que no folclore galego tem acentuada primazia, e nesta poesia figura como um pimpão e sedutor das moças.

São assim os versos com que abre a poesia:

«Un repoludo gaiteiro
de pano sedán vestido,
como un príncipe cumprido,
cariñoso e falangueiro»

.....
.....

O poema «Dios bendiga, toda nena» com marcado interesse etnográfico: é um diálogo entre uma velha mendiga lisonjeira e uma rapariga discreta e caritativa que a recolheu por esmola e lhe diz:

.....
hoxe dormirás num leito
feito de palliña triga
xunta do lar que vos quente
ca borralliña encendida,
e comerás un caldiño
con patacas e nabizas.

Nesta poesia a velha mendiga «falangueira e bem cumprida» aconselha a filha da casa, onde a acolheram por esmola e caridade, a que não tenha anseio de correr mundo nem tão pouco longes vilas, e diz-lhe:

«Que o mundo dá malos pagos
a quen lle dá prendas finas,
e nas vilas mal fixeras
que aqui facer non farias;
qu'unque ese pan valorento
en todas partes espiga,
nunhas apoucado crese
noutras medra que adimira».

A filha da casa aprecia admirada, a desenvoltura da velha e, meio assustada ao dialogar com a mendiga, responde-lhe:

E tal medo me puñeches
que xa de aqui non saíra
sen levar santos escritos
e medalliñas benditas
num lado do meu xustillo,
xunto de unha negra figa,
que me librasen das meigas
e mais das lurpias danifias».

Além das referências ao «xustillo», peça do vestuário feminino que em português se chama colete e aperta com cordão, o *atacador*, este passo é um quadro etnográfico rico pelas referências aos *escritos*, às medalhinhas bentas, à figa, às bruxas e às feiticeiras.

Os *escritos* são pequenos papéis com uma cruz desenhada a meio e com trechos de evangelhos manuscritos. Alguns sacerdotes

passavam-nos a pedido daqueles que lh'os solicitavam e pelos quais cobravam determinada quantia ⁽¹⁾.

Outra referência, embora ligeira, ao vestuário feminino vem na poesia «Acolá enriba», em que a «meniña morena da verde montaña» está na ponta duma fraga com

.....
 «A cofia de liño
 aos ventos soltada
 as trenzas descoida
 que os aires espallan.
 Tendida-las puntas
 de pano de seda,
 as alas dun ánxel
 de lonxe semellan
 si as brisas da tarde,
 xogando con elas,
 as moven ca gracia
 que un ánxel tivera.

(1) A minha mulher tem uma propriedade com lagar de azeite na Quinta de S. Pedro, pequenina aldeia da freguesia de Meirinhos, concelho de Mogaduro, no leste do distrito de Bragança.

Conta minha mulher que há uns 50 para 60 anos, no lagar de azeite cujo moinho era tocado a bois, após a entrada no lagar de determinada velha, tida como feiticeira os bois empancaram, e nem com bons modos nem à pancada conseguiram que eles dessem passada. Alguém aventou: — Está mais que visto: foi mau olhado da velha fulana, feiticeira, que daqui saiu há pouco. E logo o feitor ordenou a um criado: Monta a cavalo e vai a Meirinhos ao velho Reitor que tire um escrito.

A ordem foi imediatamente cumprida e lá foi o criado apressado até Meirinhos. Não sei o tempo que levaria a percorrer os 7 km do caminho de S. Pedro a Meirinhos. O que sei, por ser voz corrente, é que na mesma hora em que o velho Reitor passou o escrito, os bois, mansamente, começaram a puxar a manjorra do moinho e a rodar em volta do pio onde se moía a azeitona.

Dantes o povo de muitas aldeias tinha muita crença nos *escritos*. Nos grandes e nos pequenos embarços o *escrito* era um recurso de que muitos se serviam nas suas aflições.

No entanto nem todos os padres os passavam. Em Meirinhos eram especialidade do velho Reitor.

Nesta passagem a «cófia» já vem pormenorizada pela qualidade de pano, o linho, em que foi talhado aquele antigo lenço bordado, peça rica do toucado feminino.

Mais uma vez Rosalia refere o penteado em tranças, que tanta graça dão às mulheres pelo seu acentuado cunho de feminilidade.

E noutra poesia, a da «Roxina cal sol dourado» que, num frescor de rosa, ia descalça pelo monte, deslumbrando a luz do dia com a brancura do seu pé.

«As longas trenzas caídas
con quen os ventos xogaban,
ondinas de ouro formaban
na branca espalda tendidas;
apertadas e bruñidas,
que espigas eran coidara
o que de lonxe as mirara.

Aqui Rosalia acentua os cabelos loiros em associação harmónica com a brancura dos pés e a cor branca dos ombros, como é próprio da raça nórdica, com a qual os celtas invasores e povoadores da Galiza deviam ter estreito parentesco.

Outra referência ao traje masculino aparece na belíssima e tão conceituosa poesia «Non che digo nada...! pero vaia!» ao criticar o moço aldeão calaceiro, galã, namorador e sempre de costas direitas:

«E ti rapás garrido,
de tan melosas falas,
tan majo de monteira,
tan rico de polainas,
tan fino de calzado
como de mans fidalgas,
cando me dis que gustas
de traballar na braña,
non che digo nada....
!Pero vaia!»

Aqui, ao lado do barrete ou monteira ⁽¹⁾ e do calçado fino, aparece a referência às polainas que tão típicas eram do velho vestuário masculino galego, no qual entre as polainas e o calção que revestia as coxas, sobressaíam as alvas e farfalhudas perneiras das ceroulas a recobrir os joelhos.

*
* *
*

O poema «Aló no currunchiño mais hermoso», em que Rosalia, primorosamente, pôs em verso um velho conto galego, a que pode chamar-se o conto de *Vidal o sin ventura* ou, talvez melhor ainda, o conto do *Adiante co varal*, é uma bela poesia de 312 versos distribuídos por 39 oitavas de decassílabos.

Começa o poema com o seguinte verso: «Aló no currunchiño máis hermoso», alusivo a Padron, onde nasceu *Vidal o sin ventura*.

O poema é, todo ele, rico de referências ao viver aldeão.

Vejamus a estrofe VI que alude à frugal ceia do campesino e ao tão apreciado e gostoso caldo galego:

Pasiño a paso a traballada xente
dos campos às chousiñas se volvia,
mentras no lar o pote sarpullente
cas ricas berzas a cachón fervia.
As fabas e as balocas xuntamente
co touciño sabroso nel se via
en compañía amigable e farturenta
que alegre, que convida e que sustenta.

(1) A *monteira* é um barrete de pano de lã ou de veludo com múltiplas variantes. Pode ser pequeno em simples boina, como o usado em Padron e Noya, ou alteado em cone, com vários bicos como é a monteira alta dos montanhese que lembra uma mitra.

Juan Naya Perez no trabalho *El traje*, cit., diz, a pág. 37, que antigamente a monteira era alta e bicuda — *monteira pícona* — com uma ou mais pontas à

É o saboroso caldo galego com as ricas berças, as favas e as batatas fervidas a cachão, levando como adubo um bom naco de toucinho.

Deixando de parte algumas interessantes referências ao viver aldeão, onde o pobre Vidal vivia à custa da caridade alheia, fixemo-nos na matança dos porcos que Rosalia descreve e verseja primorosamente:

XV

Cando dos porcos a matanza viña
!qué amabre chamuscar nas limpas eiras
ó despertar da fresca mañanciña!...
!Qué alegre fumo antro olmos e figueiras
olendo a cocho polos aires viña!
!Qué arremangar de nenas mondongueiras!
!Qué ir e vir dende o banco hastra a cociña!
E aló no lar, !qué fogo!; i qué larada!
!Qué rica e que ben feita frixolada!

XVI

Fígado com cebola bem frixida
e uma folliña de laurel cheirosa
que inda a un morto ben morto dera vida
de tan rica, tan tenra e tan sabrosa.
Raxo en sorsa cun cheiro que convida,
e a sangre das morcillas sustanciosa
en fregada caldeira rebotando,
a que fagan morcillas convidando.

maneira de mitra e em cada comarca adoptavam uma forma peculiar. Na Corunha tinha três e quatro bicos além do remate cimeiro. Tipo frequente era a monteira chamada de *somonte* com pala sobre a testa e aos lados as orelhas, abas de revirar que, quando descidas, tapavam as orelhas. Era a monteira tipicamente montanhesa.

XVII

Quadro tan agradabre e farturento
 por toda a vecindá se repetia
 con garular, e risa, e gran contento,
 que suceso tan grande o requeria.
 mais, por que lle sirvise de tormento
 sólo na chouza de Vidal n-habia
 nin porco, nin mondongo, nin fartura,
 que era todo nubrado e desventura.

XVIII

Nas frias pedras do seu lar sentado,...
 tan váreo movemento contempraba
 de negra soledade acompañado:
 naide à festa do porco o convidaba.
 Que era pobre Vidal e era olvidado,
 e a presenza dun probe ali estorbaba;
 por eso antre suspiros repetia;
 «!Ai, quén fora riquiño un soio dia!»

Seguem-se as estrofes do poema referindo que nunca nenhum vizinho da aldeia convidara Vidal para a festa da matança, nem tão pouco fora presenteado com uma prova do porco, como era habitual fazer-se por troca entre vizinhos,

e por eso Vidal, probe coitado,
 nunca catou morcilla o desdichado.

Mas a misericórdia divina, apiedada do pobre Vidal, num repente, fê-lo rico, mercê de abonada herança. O velho Vidal quando pobre, era pouco menos que desprezado. Embora por caridade lhe dessem «caldo e mais pan n-algún lariño alleo», nunca

fora presentado com uma prova do porco de nenhum vizinho pois «que fora indina misturanza boba ir a dar donde daiva non topaban», e, por isso, Vidal, pobre, coitado, «nunca catou morcilla o desdichado».

Homenageado por todos os vizinhos da aldeia, agora que que era rico, e por todos bem recebido e considerado, compreendeu a baixaza do vil sentimento humano e, por isso, pensou em dar-lhes uma séria lição.

Se melhor o pensou, melhor o fez.

Comprou um esplêndido porco, um portento: matou-o e fez morcelas. Rosalia descreve-o nestes excelentes versos:

XXX

Unha mañán a un santo e bon suxeto
un quiño lle mercou, !Soberbo quiño!,
tan niveo, tan plantado e tan repleto
cal nunca o vira tal ningun veciño.
Era curto de perna, o lombo neto,
do rabo hastra a cabeza redondinho,
e o coiro tan graxento reluxia
que mesmo de manteiga paresia.

XXXI

«!Alabado sea Dios!; !Dios cho bendiga!;
!San Antonio cho garde!»; así escramaban
mentras que o cocho a paso de formiga
e o seu dono Vidal serios pasaban.
A falarlle a Vidal cada un se obriga,
que ó porco xá mortino contempraban
e n-era de perder tan bon bocado
polas mans de Vidal morto e salgado.

XXXII

Logo o berrido do infeliz pasente
 que sofre co coitelo morte dura
 fender os aires no lugar se sente,
 pouco a pouco a gorrina queda muda,
 o suspiro postrer soa estredente,
 a sangue corre, o matachin xa suda,
 e naquel grave e quírtico momento
 é o porco vida, e mundo e pensamento.

XXXIII

O difunto ali está repantrigado
 c-unha cebola na entraberta boca
 (que inda parés que a come o desdichado);
 pero non o chorés, que a el solo toca
 dormir sono tan triste descuidado
 pois as iras do inferno non provoca,
 nin groria ten nin porgatorio ardente;
 el dormirá insensible eternamente.

XXXIV

Non cabe en si Vidal de tan contento,
 o cheiriño do porco lle enlouquece,
 que antre os porcos nacidos é um portento
 aquel que ante seus olhos aparece.
 Certa satisfacción, certo contento
 no rostro dos presentes resplandece
 que mesmo quer decir en linguaxe mudo
 «Este si que che é un porco repoludo».

Perante a estranheza de toda a gente Vidal fechou-se em casa. Foi grande o espanto dos vizinhos da aldeia por Vidal não os convidar com uma provinha do seu riquíssimo porco. Nunca tal coisa se vira em qualquer grande ou pequena matança feita naquela terra!

Vidal tinha pensado dar uma grande lição aos vizinhos da sua aldeia e é que lh'a deu, e bem dada, como vamos ver.

Ao dealbar do dia seguinte ao do matadelo, surgiu com um varal com tantas morcelas, tão carregado, que «a pouco de cargado se rompia».

XXXVI

El direitinho ó seu facer marchaba
 con paso despacioso camiñando,
 e un sorrir nos seus labios se atopaba
 que antroido iba decindo ou contrabando.
 Dempóis, con voz que ás xentes atroaba,
 foise de porta em porta perguntando:
 — Déronlle aqui morcillas a Vidal?
 — Aquí non!!! — *Pois adiante co varall!*

XXXVII

Así as chouzazas corrêu unha por unha
 e o varal inteiriño inda se via;
 con triste *sí* non respondeu ningunha
 de cantas en redondo requeria.
 Ríndose en tanto à falsa de fertunha
 con sonsa voz de bulra repetia:
 — Déronlle aqui morcillas a Vidal?
 — Aquí non!!! — *Pois adiante co varall!*

Vidal morreu há muito, e da sua própria casa nem sequer subsistem as ruínas, soterradas pela impiedosa acção demolidora

do tempo. Mas, diz Rosalia, ficou a história que ainda hoje tem a vivência do provérbio,

e cando o nome de Vidal se invoca
muda sole quedar mais de unha boca.

Nesta, como aliás em muitas outras poesias, o quadro etnográfico surge palpitante de verdade, o que, — como o Prof. Ricardo Carballo Calero diz a pág. 17 da Introduction aos Cantares Gallegos de sua edição, — mostra que «habia en Rosalia um amor a las gentes de la aldea y una comunión con sus sentimientos que hizo de los *Cantares* una obra de gran sinceridad».

*
* *

A festa do S. João é uma festa de notável projecção popular. É sem dúvida, uma das mais notáveis manifestações lúdicas do povo, quer pela sua generalização dum lado e do outro do rio Minho, quer pela riqueza de tantos aspectos, ora em recolhido individualismo ora em festanças colectivas.

A noite de S. João é privilegiada entre as mais noites do ano. São múltiplos e multiformes os sortilégios que nela se operam, sobretudo amorosos e casamenteiros, com plena e exuberante eficiência de fortuna e felicidade. Por virtude de certas plantas, das águas e do fogo, de manejos de encantamento, ou de palavras ditas em práticas rituais, em que entram os três elementos referidos, sós ou em associação, conquistam-se forças ocultas e poderosas, dimandas de seres invisíveis que são postas ao serviço do bem dos homens e, nomeadamente, da plena felicidade amorosa.

Rosalía de Castro na poesia «*Vinte unha crara noite*» faz alusão, embora rápida, à noite de S. João. Começa a poesia, tão bela como conceituosa, deste modo:

Vinte unha crara noite,
noitinha de San Xoán,
poñendo as frescas herbas
na fonte a serenar.

*

* *

Reproduzirei agora algumas frases soltas em que ressaltam alusões a um ou outro carácter somático, especialmente em referência às lindas moças galegas. Darei para cada uma a indicação da página dos *Cantares Gallegos*, edição do centenário, ordenada, prologada e anotada pelo ilustre galego D. Fermim Bouza-Brey.

...nena... tan graciosa... tan feitiña,...
...tan redonda e tan bonita. — pág. 45

— De esses teus ollíños negros
como doas relumbrantes. — pág. 52

— Irei; mais dame un biquiño
antes que de ti me aparte
que esse labiños de rosa
inda non sei como saben. — pág. 54

As de Muros tan fininhas... c-aqueles caras de virxe, c-aque-
las caras de almendra, c-aqueles cabelos longos xuntados em longas
trenzas, c-aqueles cores rousados... — pág. 58

...pechuguiñas de cera. — pág. 59
...rumbosa cadeira. — pág. 59

...que cariñas tan ben feitas!... cada mirar dos seus ollos fire
como cen saetas... mans tan ben cortadas, tan branquiñas e peque-
nas... pág. 60.

...vivas de xenio anque son rapazas netas... — pág. 60.

As de Noya ben se exuntan
cas graciosas Rianxeiras
polos redondos peiños,
polas cabeleiras crechas,

polos morenos lunares
e polas agudas linguas
que abofé que en todo pican
como si fosen pementa. — pág. 61

...olhos color do ceo,... — pág. 84

Que feita, que linda
que fresca, que branca
deu Dios à meniña
da verde montaña! — pág. 90

As longas trenzas caídas
con quen os ventos xogaban,
ondinas de ouro formaban
na branca espalda tendidas. — pág. 103

Tiñan os coóres do mare
os seus ollíños dormentes;

.....
.....
.....

Levaba na frente a ialma
nos doces labios a risa;

.....
.....
.....

cimbréase con folgura
a delgadiña cintura. — pág. 104

Compañeiras van chegando,
cál mais a mais ben portada; — pág. 106

..... frescas meniñas
que mel dos seus labios manan. — pág. 132

Ai!, que miniña!
que nena preciosa!

.....
.....
.....
.....

Olliños de gloria!
Cariña de meiga!

..... — pág. 176

.....

*

* * *

Há que rematar as já longas considerações deduzidas sobre alguns aspectos dos «Cantares Gallegos», esse livro extraordinário, tão cheio de musicalidade maviosa e de ternura pela encantadora terra galega e suas gentes, que bem pode chamar-se, como já disse, um livro de oras, que leio a cada passo e sempre com profunda emoção.

À excelsa Rosalia prestemos a nossa homenagem.

Bendito seja Deus que, com a sua Mão Direita a abençoou e fez dela a sublime cantora da mimosa terra galega, terra que é, toda ela «um jardim onde se respiram aromas puros, frescura e poesia», terra bendita, onde — ainda no próprio dizer de Rosalia — «tudo é espontaneo na natureza e en donde a man do home cede o seu posto à man de Deos».

Bendito seja o Senhor que concedeu a Rosalia uma inspiração fecunda e um espírito sublime e cristalino, que lhe permitiu auscultar o coração e a alma do seu povo e, com profunda ternura e encantamento, sentir e cantar a doce poesia popular galega que, — no próprio dizer de Rosalia — é «toda musica e vaguedade, toda queixas, sospiros e doces sonrisiñas, murmurando unhas veces cos ventos misteriosos dos bosques, brilhando otras co rayo do sol que cai sereniño por enriba das augas dum rio farto e grave, que corre baixo as ramas dos salgueiros en frol».

Bendito seja Deus que tocou com sua divina graça o espírito de Rosalia, e fez dela a cantora sublime da encantadora Galiza, à qual o meu coração tanto quer.

A ela, à sua encantadora Galiza, se referiu Rosalia nestes termos:

Lugar mais hermoso
Non houbo na terra,
.....
.....
Lugar mais hermoso
No mundo n'achara
Que'aquel de Galícia.

Galícia encantada.
Cal ela ningunha,
De froles cuberta
Cuberta de espumas.

De facto assim é. A Galiza, é uma das mais belas, senão a mais bela província da grande Espanha.

Essa Galiza, tão cheia de encantos, da qual o grande poeta Teixeira de Pascoais disse:

Galiza terra irmã de Portugal,
Que o mesmo oceano abraça longamente.

Instituto de Antropologia
Fac. de Ciências
Univ. do Porto